
PalavrAr-te entrevista o artista e estudante da EBA, Rafael Amorim.

http://146.164.63.47/alexandria_wp/category/projeto/palavrarte/

Publicado em 19 de outubro de 2020.

Nesta entrevista, Rafael Amorim apresenta sua percepção sobre sua produção que, intencionando uma comunicação interativa e dinâmica, tem por objetivo levantar discussões sobre a relação intrínseca entre o indivíduo e a geografia em que ele se insere. O artista também comenta sobre a necessidade de se refletir sobre a identidade do estudante da UFRJ, seu perfil e necessidades.



PalavrAr-te: *Como foi o seu início na UFRJ e o processo de entender o que queria abordar através do seu trabalho?*

Rafael¹: Nossa, eu entrei na UFRJ em 2014 e já estou me formando! Comecei no curso de Gravura. Em 2016, eu iniciei o curso de Artes Visuais/Escultura e já comecei o período com umas três disciplinas com a professora Dinah Oliveira (*Metodologia, Estética e Performance*).

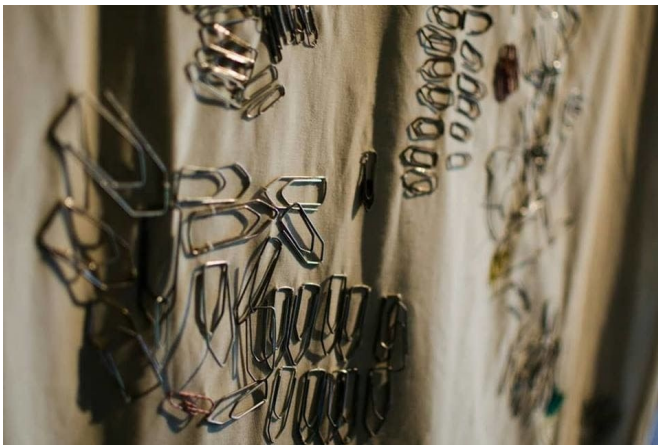
¹ Na época da entrevista, Rafael Amorim fazia parte do corpo discente da UFRJ, ele formou-se em julho de 2020. Atualmente, é poeta e artista visual; em suas palavras: “poeta, doutor em nada, germe de mundo”.

A partir desses *(per)cursos*, ela virou minha orientadora de pesquisa e propôs alguns atravessamentos que carrego até hoje.

Eu comecei a pensar minha pesquisa a partir de um texto, *A teoria da deriva* de Guy Debord, que defende a ideia de que a metodologia para o fazer artístico seria um *deixar-se perder na cidade*, um exercício de deriva. Só que eu comecei a ver que, pelo menos para mim, não era bem por aí. Eu não tenho tempo para ir para o Centro da cidade, me perder, para descobrir a minha metodologia.

Eu moro em Padre Miguel e estou sempre em deslocamento, não só para a faculdade. Por passar muito tempo em fluxo, eu comecei a entender que o meu trabalho era sobre o *deslocamento* que eu fazia, sobre a construção de uma “psicogeografia” dentro do território urbano. Em todos os lugares onde eu passava, eu construía relações com os espaços e com as pessoas.

A minha metodologia é esse trajeto: são as duas horas — quase duas horas e meia — dentro de um ônibus na Avenida Brasil. Eu comecei a entender que a metodologia que eu estava buscando era algo que já estava dado. Eu só precisava lapidar, dar alguma forma. Era estar em fluxo, me deslocar. Por estar em contato direto com esse território que se transforma o tempo inteiro, foi que, desde o início, eu nunca me preendi a uma técnica só.



eu observo cada vírgula dessa cidade, 2018.

Há uma multidisciplinaridade nos meus trabalhos, porque é isso que me move.

PalavrAr-te: *Você aborda muito as temáticas deslocamento e geografia, mas de maneiras diferentes. Percebe-se muito a questão do espaço urbano nas suas séries de performances intituladas: as*

fronteiras que existem entre a gente² e eu observo cada vírgula dessa cidade³. *Essa é mesmo a intenção do seu trabalho?*

Rafael: Isso! A intenção do meu trabalho é pensar como o território que a gente ocupa reverbera no nosso corpo e no nosso cotidiano. Não tem como eu sair de Padre Miguel para o Fundão e não tomar para mim nada no meio desse percurso; não tem como ser só um trajeto. Minha produção e pesquisa têm vários braços: o território, a escrita, o registro rápido em fotografia, o afeto, o caminhar, as relações com a precariedade do cotidiano etc.

PalavrAr-te: *Percebe-se que seus trabalhos com André Vechi — como, por exemplo, Escrevo para me percorrer — dialogam muito bem com a cartografia. Essa tendência é intencional?*

Rafael: Sim, porque hoje é impossível falar de território urbano e não falar de cartografia! Por isso Suely Rolnik⁴ tem permeado meu trabalho como referência há algum tempo. No início de 2018, eu e André Vechi fomos curadores em uma exposição no CCJF⁵, onde eu também deixei exposto meu



as fronteiras que existem entre a gente, 2017.

² O autor escolhe intitular suas obras usando apenas letras minúsculas. Título: *as fronteiras que existem entre a gente*.

³ Título: *eu observo cada vírgula desta cidade*.

⁴ Suely Rolnik é uma psicanalista, curadora, crítica de arte e da cultura e professora universitária paulista que pensa a cartografia da arte. Foi perseguida pela ditadura no Brasil e por isso viveu exilada na França entre 1970 e 1979. Retornou ao Brasil em 1979 e fundou o Núcleo de pesquisas da subjetividade na PUC-SP, onde atua como professora até hoje.

⁵ Centro Cultural da Justiça Federal.

trabalho, *as fronteiras que existem entre a gente*⁶. A tentativa do trabalho era de pensar em maneiras de aproximar lugares e criar um mapa tridimensional pela aproximação dos espaços. A partir da construção de *as fronteiras que existem entre a gente*, eu passei a me entender como esse *artista* que se diz *cartógrafo*. O André e essa exposição me ajudaram a reconhecer que, em meus trabalhos, eu passava a desenvolver tentativas de criar espaços, de criar novas delimitações; ignorar certas delimitações sociais ou socioeconômicas e criar outras.

Por exemplo, a partir do momento que eu encontro um clipe — que já não tem a função dele enquanto clipe —, eu acabo criando uma relação com o próprio espaço. Encarar esses



eu observo cada vírgula dessa cidade, 2018.

clipes como uma *vírgula* no cotidiano, passa pelo processo de abaixar, pegar, guardar, fazer registro e deslocar esses objetos. A cartografia é dada no sentido de pensar esses espaços para além do que eles são. São espaços de passagem? Beleza, são! Mas são também espaços onde eu estou criando um discurso sobre eles a partir do clipe descartado, inutilizado, que passa a ter outra vida.

PalavrAr-te: *Trabalhando com o espaço urbano, você encontra obstáculos que acabam se tornando parte do seu trabalho?*

Rafael: Não sei bem se seriam obstáculos. Tem um conceito que eu desenvolvi e apresentei na IX Siac⁷: *cidade-equívoco*⁸. Se trata de como a gente lida com os *equívocos* do território

⁶ Título: *as fronteiras que existem entre a gente*.

⁷ Semana de Integração Acadêmica da UFRJ.

⁸ Em seu TCC intitulado: *por uma poética do contato: ancoragem emocional, cidade-equívoco e terreno baldio*, o *artista* desenvolve, junto de outros dois conceitos, o conceito de cidade-equívoco.

urbano. O que seriam esses equívocos? Basicamente, aquilo que nos é oferecido como algo que não deveria estar onde está. Como, por exemplo, algumas *esculturas* que são formadas quando tem um buraco na rua e as pessoas põem cadeiras, galhos e outros materiais. Há um caráter escultórico naquela coisa que, a princípio, tem a função de alertar para algo; mas que, ao mesmo tempo, modifica parte do projeto arquitetônico daquele território. Eu chamo de *equivoco* porque não é intencional. É intencional até certo ponto, mas ele não é um projeto pensado.

O que se entende como obstáculo, eu acabo pegando pra mim. Os meus atuais obstáculos, talvez, sejam os que lidam com a minha segurança ou com a minha integridade, por exemplo: “eu posso fazer uma performance nesse espaço” ou “que tipo de reação eu vou ter se eu fizer uma performance aqui?”.

PalavrAr-te: *Sim, nem sempre o espaço urbano é receptivo; e você expõe bastante o seu corpo nele. O que você pensa sobre essa realidade?*

Rafael: Por mais que eu me entenda como um homem negro, LGBT⁹, ainda considero que existam corpos mais vulneráveis do que o meu. Então vai ser sempre uma negociação sobre até onde posso ou podemos ir no processo de ocupar os espaços com arte. Qualquer ação que você fizer naquilo que tange a esfera do que é público vai criar ruídos e fricções.

PalavrAr-te: *A palavra percorrer é usada no título da exposição que comentamos anteriormente. É um pensamento construído com a escrita?*

Rafael: É sobre entender a escrita também como uma metodologia do trabalho de arte, por



exercício de escrita e percurso, 2018.

⁹ Durante a entrevista, foi citada a sigla LGBT; observamos que a sigla, atualizada em sua abrangência, corresponde à LGBTQIAP+.

que eu já escrevia antes de entrar na universidade e atualmente tenho me entendido também como poeta. É um processo de falar: “sou artista e sou poeta”. É necessário, ainda mais agora, assumir posições e lugares. Eu entendo que talvez não tem como desassociar escrita e percurso na trajetória que estou desenvolvendo.

A exposição *Escrevo para me percorrer* — que eu curei junto com o André Vechi —, foi resultado de uma série de processos, em todos eles as questões do território, do deslocamento e da escrita aparecem como máxima. Após a *Oficina de criação 3D I* e a *Oficina de criação 3D II*¹⁰, o André, que na época era professor das duas disciplinas, propôs um grupo de tradução para o *Espécies de espaços* de George Perec e ali encontramos a frase que deu título à exposição: *Escrevo para me percorrer*.



exercício de escrita e percurso, 2018.

Acho que eu não consigo pensar em um trabalho que não seja a partir do que eu estou escrevendo ou lendo. Por mais que, às vezes, não se tenha uma escrita propriamente letrada, meu trabalho parte de processos de e com a escrita. Era algo que já estava em mim, algo que me interessa bastante. Inclusive, atualmente, a minha produção parte de dois eixos principais: espaço urbano e escrita. Seria algo como a

relação entre o *público* e o *privado* ou o *externo* e o *íntimo*. O espaço urbano figurando como a questão externa e a escrita como espaço de intimidade.

PalavrAr-te: *Como a performance foi ganhando espaço na sua produção?*

¹⁰ *Oficina de criação 3D I* e *Oficina de criação 3D II* são disciplinas oferecidas no curso de Artes Visuais/Escultura.

Rafael: Eu comecei a entender a performance como uma alternativa. Em um curso de Artes Visuais com ênfase em Escultura, teoricamente e em um entendimento comum, o que a gente produz é escultura. A performance parte da necessidade de entender que o meu corpo também é escultura e esculpe os espaços, de que o meu corpo também é ferramenta *escultórica*; de pensar: “quais são as questões que eu posso propor com o meu corpo”; “que espaços o meu corpo consegue ativar”; “como esse corpo é percebido”?

PalavrAr-te: *Nesse processo de expansão criativa, como foi sendo estabelecida a relação entre o seu corpo, a performance e o público?*

Rafael: É até engraçado, porque meu primeiro exercício de performance foi um desastre! Eu comecei a desenvolver um trabalho que era recolher todos os papéis que iam para o lixo no meu quarto e trazer de volta para mim, entender aquilo como um *vestígio* meu. Eu tirei duas bolsas enormes de papel que iriam para o lixo! Era um vestígio que se deslocava de mim, porque denunciava hábitos meus de ir a exposições, de escrever ou de amassar e jogar fora.

A ideia era a seguinte: eu ficaria nu e, com a ajuda de uma solução de cola para lambe-lambe, pegaria esses papéis e criaria uma outra camada de pele no meu corpo com eles. No dia da apresentação, estava um frio descomunal no Fundão! Eu não contava com aquele mau tempo, então não fiquei nu. Fui colando os papéis e recitando um mantra: *Eu preciso arrumar o meu quarto*. Estava entendendo o quarto enquanto corpo ou o corpo enquanto quarto. Só que não colava; se um colava, outro descolava! No final, eu estava tremendo



objeto para contato com desconhecido, 2017.

de frio, estava nervoso e acabei pedindo a ajuda das pessoas que assistiam. Foi só aí que a catarse fez sentido para mim: eu não podia fazer aquilo sozinho! Performance nunca se faz sozinho. Eu aprendi da pior maneira, mas foi engraçado.

PalavrAr-te: *Há em muitos de seus trabalhos o movimento de deslocamento e a necessidade de colaboração entre as pessoas, como, por exemplo, em: objeto para contato com desconhecido¹¹. Essas seriam características constituintes em sua obra?*

Rafael: De alguma forma, todas as performances que eu faço têm um endereçamento para o outro. A performance *objeto para contato com desconhecido* depende do outro, porque se não o objeto não é ativado. Ela tem o aperto de mão, tem essa obrigatoriedade de cumprimentar o outro; sem ver o aperto de mão, você está em contato com o outro.

PalavrAr-te: *primeiro trauma¹² é uma performance que te deixa em um lugar de vulnerabilidade?*

Rafael: Totalmente. Essa é uma performance que eu evito fazer, porque ela me deixa em um lugar de vulnerabilidade total! Não vou falar que não gosto dela: adoro! Ela foi pensada com a Michele Lemes em uma das aulas do André. Nós começamos a pensar ao trauma a partir de uma das discussões motivadas pelo texto de Hal Foster, O retorno do real. Daí, analisamos quais traumas interligavam a Michele e eu; quais traumas em comum a gente tinha; e a gente descobriu que nenhum. Ela é uma mulher branca vinda de outro Estado; eu não sou o oposto, mas sou outra coisa. O único trauma que a gente tem em comum é o primordial: o trauma de quando se passa a existir.

Paralelamente, eu estava lendo Clarice Lispector; a literatura me traz muita coisa! Em *O ovo e a galinha*, a Clarice trata o ovo como um objeto que é aurático, que possui um discurso. Eu falei: “É o ovo”. O ovo tem algumas simbologias que começaram a interessar tanto a

¹¹ Título: *objeto para contato com desconhecido*.

¹² Título: *primeiro trauma*.

mim quanto à Michele: é signo da fertilidade, da vida, de uma coisa que acontece continuamente. Na primeira ação a Michele e eu separamos 23 ovos para ela e 28 ovos para mim — era a idade de cada um¹³. Estavam cozidos e a gente tinha que descascar e ir comendo, ingerindo os traumas um do outro. Também tinha um *Parabéns para você* em *loop*, que parecia um canto meio mórbido, estranhíssimo! Ali, a intenção era criar um novo trauma em quem assistisse.



primeiro trauma, 2016.



PalavrAr-te: Você chegou a observar/notar o efeito de trauma em quem assistia à performance? Como os elementos simbólicos presentes nela colaboram na experiência de quem vê, em seu envolvimento e imersão?

Rafael: Sim, as pessoas ficam desconfortáveis. É um compartilhamento de traumas, tanto entre mim e a Michele, quanto entre quem assiste. Na segunda vez que eu apresentei, foi mais de um ano depois e a Michele não estava mais na universidade. Eu me perguntei: “No momento, qual é a pessoa mais simbólica, próxima a mim?” Um ex-namorado, meu primeiro ex-namorado. Eu pedi que ele viesse com a mesma roupa de quando nos vimos

¹³ Michele Lemes tinha 28 anos e Rafael Amorim 23 anos. Cada um ficou com a quantidade de ovos que fazia referência à idade do outro.

pela primeira. É uma ação que acontece a partir de rituais, o ovo é um elemento ritualístico, o sentar à mesa, o *Parabéns para você* (em *loop*). Eu preciso dessas simbologias.

PalavrAr-te: *Você está na Escola de Belas Artes, você é um homem negro LGBT e seus trabalhos ocasionalmente conversam com esses aspectos. Como você se vê dentro desse contexto?*

Rafael: Eu tenho pensado muito sobre esse entendimento. Talvez meu corpo seja lido, com alguma facilidade maior, sob a perspectiva de pessoa periférica, mais ainda do que como uma pessoa negra. Cada um carrega um discurso que se cola ou que colam em mim. No entanto, creio que a universidade sempre me acolheu; mas acho que, atualmente, ainda falta um entendimento do perfil do estudante que traz em si esses marcadores sociais.

PalavrAr-te: *Essa é uma questão realmente muito pertinente, merece mais atenção. Você acha que o perfil do estudante e as dificuldades que ele enfrenta no dia a dia são levados em consideração no contexto universitário?*

Rafael: Olha, raramente a instituição leva em consideração que um deslocamento de duas horas e meia é necessário e que, às vezes, a gente não tem como vir para a aula. Talvez falte um pouco de compreensão sobre *quem é esse estudante que está entrando na graduação* e habitando um lugar que antes lhe foi negado. Ele tem coisas a dizer e está buscando um espaço.

Falo disso, pois sinto que passo por esse processo “psicogeográfico” quando saio de Padre Miguel e chego ao Fundão. Meu corpo chega [na faculdade] de uma forma e sai de outra. Também por uma questão geográfica, no Fundão nós estamos ilhados. Sair daqui e levar alguma coisa para fora, eu acho mais complexo. São muitas as distâncias — e não só as distâncias físicas. Como eu posso operar isso? Eu ainda não sei. Mas é um movimento que

eu vejo necessário. Ainda mais agora que a gente está precisando ir para rua, para mostrar para as pessoas o que a gente faz dentro da universidade.

Entrevista realizada em 25 de outubro de 2018.

Contatos do artista:

<https://www.instagram.com/germedemundo/>

PalavrAr-te: Paula de Souza (graduanda em Artes Visuais/Escultura da Escola de Belas Artes da UFRJ); Mônica Santos (graduanda em Letras: Português-Literaturas da UFRJ); Anna Beatriz Jordão (graduanda em Letras: Português-Literaturas da UFRJ); Hanna Hsu (graduanda em Letras: Português-Literaturas da UFRJ); e Anna Carolina Lopes (graduanda em Letras: Português-Literaturas da UFRJ).

Supervisão de texto: Anieli Improta França.
